

BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

EMPRESA EDITORIAL

N. 3-SETEMBRO-1873

SERTANEIAS

DE

JOAQUIM EELEODORO

RIO DE JANEIRO

Typ.—Academica—rua Seto de Setembro n. 71

1873

915

S

BIBLIOTHECA BRAZILICA

(EMPRESA EDITORIAL)

N. 3-SETEMBRO-1878

SERTANEJAS

DE

JOAQUIM HELEODORO

RIO DE JANEIRO

Typ.—Academica— rua Sete de Setembro n. 71

—
1878

3657

1040

JFO
869.915
82375

86991

Bons dias

Bons dias, Joanninha, eu te saúdo;
Já não olhas p'ra mim? que mal te fiz?
Ciumes, meu amor? de que? se tudo
Eu desprezo por ti, e sou feliz?

Desci da serra ao toque d'alvorada,
O vaqueiro encontrei, pastando o gado,
Os seus cantos ouvi, mas entoada
Minha voz não juntei ao seu cantado.

O teu bafo nas flôres aspirava,
E meus olhos, sequer, nêem nellas puz,
Como a belleza ver, se me faltava
Do teu sagrado olhar a santa luz!

As brisas da manhã corriam frias,
Quieto o lago era azul, as lymphas quietas,
Em bandos, a voar das serranias
As aves se juntavam ás borboletas!

Gemia manso o arroio na campina,
Plangente o sabiá soltava o carme,
Os desprezei por ti, e tu, ferina,
Não me olhas, cruel, nem vens saudar-me !

Oh ! dá-me teu olhar ; da treva escura
Da noite não sahi co'a criação,
P'ra o mundo é a luz de Deos : tua alma pura
Guarda em si meu olhar, crença e paixão.

A natureza acorda deslumbrante,
Tudo é vida e esplendor, folga, é feliz ;
Só eu triste, Joanna, o teu amante,
Porque devo chorar ? que mal te fiz ?

Na tua trança loura quero em beijos
— Doce orvalho de amor — calar meus ais,
Um abraço, o que tem ? Morrem desejos
Se Deos por tua voz falla aos mortaes !

Deixei a serra alegre, e vim, cantando,
A ventura beber no teu sorriso ;
Tens arrufos, Joanna ? Recordando
Um crime no passado não diviso.

Inda á noite parti ; deixei-te, amiga,
N'um abraço, a sorrir, nos estreitámos,
Unimos nossas vozes na cantiga,
N'um beijo nosso adeos não suffocámos ?

Porque foges de mim? A natureza
Se liberta das trevas deslumbrante;
Vem dar-me d'alma a luz, nesta grandeza
Enleva o coração do teu amante!

Eu deixei o vergel, a serra, as flôres;
Sem ver da aurora a luz buscava a aurora,
Do triste coração rasga os negreos,
Dá-me a vida de amor n'um beijo agora!

A CRUZ DE MICHAELLA

(RIO-GRANDE DO SUL)

Baixinho a sanga murmura
Junto á cruz de Michaella,
Beija o sol os braços della
Sobre a rasa sepultura.
Soluçam brisas em torno
Os mysterios que ella tem,
E nunca o tropeiro o pouso
Busca sem ir piedoso
A cova beijar tambem.

Muita gente se encaminha,
Em pia e santa romagem
A' cruz que vive sózinha
Dos desertos na paragem ;
E as lendas que se apreçoam
Dos milagres nos serões
A avó resa e os netos crentes,
Ao madrugar, reverentes,
Vão beijal-a entre orações !

Alli é a campa bemdita
De uma preta virtuosa,
Ao amor de Deos na vida
Su'alma se unio ditosa;
E a cruz de negra madeira
Que junto ao sepulchro está
Tantos milagres memora
Que, constricto, a cada hora,
Um viajor vê-se lá.

Da campanha o viajante
Ama a cruz de Michaela;
Deslizando, perto della,
Lembra a sanga a prece amante
O sol, a tarde, e os ventos
Soluçam-lhe uma oração;
E o estrangeiro penitente
Nunca s'ergueu, sem contente,
N'alma sentir a expansão.

Tem sempre viçosas flôres
Nos braços entrelaçadas,
Nos pousos dos viajores
Sempre lendas soluçadas.
Bemdita a preta que dorme

A' sombra da pobre cruz,
Su'alma nos céos sorrindo
Ouve a prece, e, a Deos pedindo,
Novo milagre transluz.

Viandante, que pousada
Vais buscando no deserto,
Não passes da cruz ao perto,
Sem resar á sepultada ;
De qualquer pouso que busques,
E' crença pelo sertão,
Acharás fechada a porta
Se a campa da pobre morta
Não teve a tua oração !

NA VIOLA

Quem dançou nas pouperias
Traz o cheirò da cachaça,
Quem perde uns olhos brilhantes
Chora além sua desgraça.

Como o pião forasteiro
Eu deploro a pouperia,
Como o amante sem ventura
Eu perdi minha alegria.

Neste ardor que me consome,
Neste inferno que me rala,
Vexado perco a alegria,
Tenho rouca a minha falla.

Quem levar-me aos caros sitios
Onde a luz d'alma deixei,
Abençoada e ditosa
Verá que a vida quebrei

Da querença o pingo vive
Nos poteiros aguachado,
Distante, nas outras tropas,
Vive triste, intrinveirado.

Quem dançou nas pouperias
Traz o cheiro da cachaça,
Quem perde uns olhos brilhantes
Chora além sua desgraça.

O ESPIRITO SANTO

A frente da ermida, pintada de branco;
De flôres ornaram p'ra bella funcção ;
Do Santo Divino fazia-se a festa,
Do Santo Divino corria o leilão.

E o povo da roça, de gala vestido,
Os mimos mercava do largo em redor,
Dos lances cobertos, em meio dos risos,
A's vezes á rixa chegava o fervor.

— « Este casal de pombinhos
Quanto val? quanto me dão?...
Acclamava o leiloeiro
No grande ardor do leilão.

— Ponha um cobre p'ra começo....

— Um cobre não; hote tres!...

— Tres tenho! quatro!.. e mais cinco!

Cinco! cinco! bato!... seis!...

— Sete, patrão, hote sete

Que os pombos são de Suzana;

Heide compral-os, desejo

Criat-os lá na choupana.

— São seus por sete! eis os pombos...

Vai agora o pão de lot,

Sahido quente do forno;

Não tenho assim mais um só!

— Dize, Julia, perguntava

Corado moço de um lado,

Foi por ti o loló feito?

— Sim, senhor, e offertado.

— Então, patrão, ponha logo

Dous mil réis p'ra começar.

— Dous mil réis! vamos, devotos,

Quem dá mais? quem mais quer dar?

Dou-lhe um... um!... dou-lhe dous...

— Dou-lhe tres.... nem mais, um só!

— Ponha-lhe cinco!...

— E' já tarde,

Tome lá seu pão de lot!

— Agora as fitas branquinhas
De umas negras tranças bellas,
São cheirosas como as flôres,
Lindas como a dona dellas.

— Patrão, vá lá, pelas fitas
Um cruzado... é já bater!...

— Um cruzado!... dous!... oh! gentes,
Isto é dar, não é vender!

Se o Santo Divino ouve
Estes lances do leilão

Não hade estar satisfeito,
Que eu tambem não 'stou, ai, não!

— Vá mais um cobre! e agora,
Seu leiloeiro, é bater,

Que o Santo não é avaro,
Tem consciencia em vender.

— Vá feito! são suas fitas....
Agora a rosca é que vai!...

Quanto não val este lote?
Tem duas libras; pesai!...

— Duas libras a cruzado
Por um se devem comprar ...

E' seu! não bato, nem grito
Não vale o lucro cansar!

Por entre o murmúrio confuso das vozes,
Dos risos, das palmas, corria o leilão,
A paz e a ventura se liam nos rostos,
E quasi sem prendas se via o balcão.

Ao longe o canto soava
Do Divino, que parava
Nas choupanas a cantar,
E aos sons de tanta harmonia
Qualquer choça logo abria
As portas de par em par.

— O Divino Esp'rito Santo,
O menino folião
Aqui vem trazer-vos festas,
Aqui vos traz a benção !

Oh ! senhor dono da casa,
O menino folião
Vem cantar á vossa porta,
Vem lançar sua benção.

Do Divino Esp'rito Santo
Aqui vem o imperador,
Elle bate á vossa porta,
Vinde abril-a, meu senhor !

Vermelha bandeira ondula
Ao soprar da viração!
Tem corôa, sceptro e manto
O menino folião! —

E do lado á barraca enfeitada
Correm todos p'ra sorte tirar,
As crianças, os velhos, as moças,
Que donoso e festivo folgar!

Da barraca formosa depressa
Vão-se as sortes e os mimos tambem,
Da folia descendo, entre risos,
Eis que o rancho moroso lá vem.

E quando a noite se estende,
Da ermida em frente ao terreiro,
Corre, e ataca o fogueteiro
As rodas que em páos estão;
Uma fragata de um lado
O castello bombardeia,
E a girandola que se ateia
No espaço segue o balão.

Gritos, risadas, apupos,
Vivas, fóra c'o estridor
Da gente festiva applaudem
Do fogueteiro o ardor.

— « Vamos, gente!... » E o archote alumia,
E a viola s'escuta a cantar,
Repetidos os vivos resoam,
E os foguetes estalam no ar.

— Vindouro anno que trazes
Do Esp'rito Santo as funcções,
Ardentes saudades chamam-te
Nos devotos corações! »

A ESCURA

Por desavença ou por magoa
Não foi que d'aqui parti,
Nem dos teus affagos, dona,
Um momento me esqueci,
Mas a minha vacca escura,
Côr da noite sem luar,
Tem me cansado este corpo,
Fugio p'ra não mais voltar.

Minha vacca côr da noite,
Noite fechada e sem luz,
A linda, a mansa, a querida,
E' agora a minha cruz ;
Ha tres dias, se não erro,
Desgarrada se perdeu ;
Já corri valles e serros,
Nos campos caccia eu.

Nem nos valles, nem no serro,
Nem nos campos a topei ;
E a minha vacca querida
Sempre na aurora abracei !
Faz doer bem dentro d'alma
Pela manhan não n'a achar,
Não lhe dar o meu abraço
Que era costume lhe dar.

Morre a alegria devéras
Quando uma scisma nos rala ;
Já não sei sorrir p'ra todos,
P'ra todos não tenho falla ;
Quero olhar affeito os campos,
Lembro a escura e choro em vão ;
Quero cantar pela aurora,
Mata a saudade a canção.

Ai, dona, vai funda a magoa
Ferida pela amizade,
Queima o pranto da saudade
Se a esperança se perdeu ;
Eu de a ver não guardo agora
Dentro d'alma, além da gana,
Nem a esp'rança que emana
Do acaso !... ella morreu !

Se vires a vacca escura
Morta nos campos de alguém
Dá-lhe por mim sepultura,
Que eu não a veja também !
Morta, dona ! eu vê-la morta,
Era olhár-me amortalhado ;
Meu coração, desgraçado,
Mais um affecto não tem !

Regeitei berganhas gordas
Pela minha vacca escura ;
Por còbres não quiz mercal-a,
De minh' alma era a ternura !
Ai, dona, que vão bem fundo
De saudade estes meus ais !
Noite escura ! minba vacca,
Por onde agora errarás ?

O MINEIRO

Achega-se ao rancho, desmonta; a chilena
Retine no passo calcado no chão;
Chapéo desabado sombreia-lhe a frente,
E o ponche arremessa p'r'as costas co'a mão.

Estala o chicote no ar, e festivo
— Olá! Oh! de casa! gritando parou,
São moucos, diacho! cansado o mineiro,
Não viram que á porta seu macho estacou?

Eu venho de longe, de serras immensas,
A tropa de burros tocando ao leilão,
Exhausto o meu fila rosmando se deita,
O sol queima, é fogo, me abrigo á mansão.

Olá! da viola, suspira a cantiga,
Olá! da morena, soluça o cantar,
Trapeiros nós roda, fazemos no emtanto,
E quero a cachaça da dança ao rodar!

Em choças deixadas ficaram saudades,
Em vendas distantes parava também,
Sahi pela aurora com ventos fagueiros,
E o sol já descamba p'r'a tarde que vem.

Patrão deste rancho que Deus abençoê,
Amigo dest'alma que a luta esmagou,
Eu peço a ventura que adora o tropeiro,
O fado e a cachaça que o céu nos doou !

Meu fila é branquinho, de casa estimado
A cria mais bella que trago de lá,
E' manso, não morde, se o burro apouqenta
Rasteja ao meu grito, tenencia tem já.

Fazei-lhe carícias, morena mimosa,
Patrão, não se assuste, meu fila é de paz,
Crioulo ! eh ! *Crioulo* ! p'ra aqui socegado,
Não viram ? se humilha ; tens medo, rapaz ?

E' feio o meu fila, mas é de boa alma,
Amigo do amo que bem lhe tratou,
Se a mim de *baeta* chismaram na estrada,
Do insulto o *Crioulo* desforra tomou.

Eu tenho a pistola jungida ao lombilho,
A faca de matto na cinta apertada,
Debalde se ando não temo o inimigo,
E affeito pernoito no ermo da estrada.

Mineiro, eh ! mineiro ! de vida damnada
Me chamam e me apontam, mineiro eu o sou.
Se aguardo n'um pouso, patrão, grito logo,
A 'gente que á porta veloz não chegou !

CONSOLO

Joanna, teus pombos brancos
Voaram longe, voaram,
O pombal não mais buscaram,
Onde estão teus pombos brancos?

Canta, Joanna, ao teu canto
Busca a saudade abafar,
Ha dous dias, anjo, ha tanto
Que elles fugiram do lar!...

Joanna, teus pombos brancos
Voaram longe, voaram,
Em tua mão desprezaram
Comer mais teus pombos brancos.

Nas mattas, nos descampados,
Nas serras não os achei;
Cacei-os, mas dos coitados
Nem as pennas encontrei..

Joanna teus pombos brancos
Voaram longe, voaram,
O pombal não mais buscaram,
Joanna, teus pombos brancos.

Alvo, mais alvo que o linho,
Lindo, mais lindo que a flôr,
Da casa esquece o caminho
O teu pombo batedor!...

Joanna, teus pombos brancos
Voaram longe, voaram,
Talvez nos finaes arrancos
Do pombal se recordaram.

Entre arrulos no terreiro,
Antes do dia aclarar,
Gostava de os vêr primeiro
Tê saudarem p'ra voar.

Canta, Joanna, em teu canto
Dos ais suffoca os arrancos,
Chora o amor no doce pranto
Saudades dos pombos brancos.

O TROPEIRO

Sustendo no rancho fogosa a carreira,
Suando, o tropeiro da porta gritou:

— Ouvi-me, patricios, eu venho em procura
De um macho maldito; ninguém o avistou?

Ah! patricio, tenho legoas
Mais de cinco hoje contado,
Do lote perdido caço
Meu burro russo queimado.

Já fui aos valles distantes,
Pelos campos já caciei,
Nem rastros por entre a relva
Do malfadado encontrei.

Desviou-se da madrinha
Quando saltava o vallão,
Toquei o lote e não vi-o,
Tenho-o buscado inda em vão.

Da tropa a mais linda estampa,
O mais seguro no andar,
Era esse burro maldito,
Que tanto me faz suar.

Afundei-me no riacho,
Té molhei o meu surrão;
Este cavallo que monto
Não vale o meu russo, não.

Aquelle, sim; nos ribeiros
Nem c'o a pata resvallava,
Mais ligeiro que o veado
N'um salto as margens galgava.

Mas este potro cinzento,
Vagaroso pangaré,
Não sente o relho que zune,
Nem a chilena do pé.

Lancei as peias do lote
A' turbulenta madrinha;
Lá ficou, que o russo escute
O toque da campainha.

Mas, qual! o burro maldito
E' matreiro espertalhão,
Embora o chame a madrinha,
Não sahirá do sertão.

Já o sol desce no occaso,
Vou, patricio, me afastar,
O russo que livre o pello
Se pela serra o encontrar.

Perdido um dia de marcha
Em busca deste ladrão!...
Russo maldito, que a relva
P'ra ti se mirre do chão!

E zunindo o rebenque, a largo trote
Para as serras de além s'encaminhando,
O cansado tropeiro do seu lote,
Pelo burro á gritar, foi-se afastando.

OS REIS

— « Na tronqueira do Loreto

Os santos reis encontrei,

E p'ra aqui cantarem todos

Apressado os convidei;

Do sitio da Bella fonte

Conheci logo os rapazes,

As raparigas sagazes,

Donde são mesmo não sei.

Mas creio, por tanta graça,

Serem do Engenho de Fôra;

E que importa? corre a hora,

Cumpre bem os receber.

Aprompta a mesa e depressa

Que as vozes escuto já;

Sim; são elles que cantando

Sobem o monte p'ra cá. — »

— « Do oriente viemos ufanos
Nós os reis do menino adorar,
E, cansados, pedimos um pouso;
Abra a porta, oh! senhor deste lar!

Temos myrrha o incenso e o ouro,
Temos flôres, perfumes também;
De adorar o menino viemos,
Que entre as palhas nasceu em Bethlem!

Do oriente viemos ufanos
Nós os reis do menino adorar,
E, cansados, pedimos um pouso,
Abra a porta, oh! senhor deste lar! — »

« Bemvidos sejam os magos
Visitar a pobre gente;
Entraí, silencio, e ouçamos
Os grandes reis do oriente. »

E a turba festiva cantando penetra
Na sala e o espaço rodando circula;
Suspira a viola; nos sópros da flauta
A voz languecida no canto tremula.

« Entre as palhas o menino,
A dormir, deixámos lá,
Se a cantar vamos de volta,
Dançaremos antes cá.

Da choupana aos bons amigos
Os reis saúdam contentes ;
Pobres embora, elles querem
Os estimados presentes.

Somos os reis que sagrados
Regressamos de Bethlem,
Por vossas graças em troca
Damos paz, ventura e o bem.

De Maria o filho amado
Recebeu-nos a sorrir,
A sorrir aqui entramos
P'ra vossas graças pedir. »

E a turba na casa circula
O espaço da sala cantando ;
A viola suspira amorosa,
E a flauta soluça chorando.

Aos acordes sentidos, tão cheios
De doçura e de amor que se vão,
Nunca o mimo da boa hospedagem
Se recusa e contentes lhes dão.

E na mesa que lauta se estende
Convidados os reis do oriente
Tomam assento, e depois a saude
Logo fazem da prodiga gente.

« Obrigado, senhor mago,
Por vosso brinde, obrigado;
Tanta honra não merece
O fazendeiro coitado;
Mas já que todos cantaram
Eu também cantar desejo,
E a canção do sertanejo
Lembra logo o ardente fado. — »

« Sim! ao fado!.... » E da mesa sahindo
Volta o rancho p' r'a sala, e então,
Se a viola delira nas vozes,
O adufo não dorme, ai! que não!

E os reis, mais a gente da casa,
Sapateiam com tanto fervor
Que s'esquecem das honras e logo
Vosmecê faz calar o Senhor.

E a roda vòa; que roda!
Que fado! que sapateio!
Quanto amor! que doce enleio
Nesses brincos do sertão!
Ai! que saudades não tenho
Dos reis magos do oriente,
Das choupanas e da gente!
Ai! santa recordação

AS FLORES DE INVERNO

(A LEITÃO JUNIOR)

Tu queres flôres, Joanna ?

Onde as flôres hei buscar ?

Nos vargedos murchas rosas

O frio fazem lembrar ;

A geada deste inverno

Todas as flôres matou ;

Nem sequer p'ra ti um lirio

Em pé na varzea ficou !

O perilampo nas selvas

A luz tremente extinguiu ;

Da estrella nos mantos negros

O dubio raio fugio ;

Quieto o ribeiro não geme

Do frio preso ao torpor ;

Sem folhas morre a palmeira

Como buscar-te uma flôr ?

Não vês ? o valle é silente,
Dorme no galho o colleiro,
Encolhe as azas geladas
Na moita o mocho agoureiro,
Na espessura da floresta
A rôla esconde os seus ais,
Quebra a cadencia o canario
Voando nos matagaes.

Uma flôr, como buscar-te
Nestes mirrados rosaes ?

Não queiras flôres das varzeas
Quando a geada as matar ;
Se as rosas morrem no campo,
Venturas surgem no lar ;
O serão mais se dilata,
E o velho mais terno entoa
O canto que sempre echoa
Nos corações ao findar.

Vermelhas rosas se abrem
Nas faces da sertaneja,
Mais o olhar vivo lampeja,
O labio mais doce ri ;

Ao berço que balançado
Vôa nos ares faceiro,
Segue o canto feiticeiro,
E a f'licidade é alli.

Da luz, aureola sagrada
Da frente de Deos, fulgura
Mais brilhante a chamma pura
Na longa noite ao serão ;
Não queiras flôres do campo
Quando ao frio s'emmurhecem,
Só no inverno lindas crescem
As rosas do coração !

— 38 —

O QUIRIRI

(PARÁ)

— No balaio da costura
Aninhou-se o quiriri;
Minha filha, novidade
Deve andar ao certo ahí.

O que tens? porque suspiras?
Estás triste? mas que tens?
Da janella, pensativa,
Porque conversar não vens?

No balaio da costura
Aninhou-se o quiriri;
Negas embora, mas, creio,
Segredos guardas de mi.

Dize se amas; teu noivo
Deve ser encantador?
Teus olhos nunca olhariam
Homem falso e enganador.

Queres vestidos? desejas
Outros tamancos p'ra ti?
Não respondes? mas qu' importa?
Avisou-me o quiriri.

São fitas os teus anhellos?
Flôres? corôas? que tens?
Porque triste e pensativa
As lendas ouvir não vens?

Choras; de amor o segredo
Do teu seio descobri
No balaio da costura
Conflou-me o quiriri.

No teu balaio, menina,
Uma cousa alguém deixou...—
E o balaio revistado
Vazio a filha encontrou.

— Nada encontraste, criança,
Nada encontraste p'ra ti;
Os novellos da costura
Demudou o quiriri.

Do quiriri teu segredo
Ganha o ninho do anajá
Mais profundo, do imprudente
Nunca a vista alcança lá

Mas eu que sou tão bondosa,
Por teu amante e por ti,
Abenço o casamento
Que annuncia o quiriri. —

E a filha sorrio fagueira
Junto á mãe, feliz sorrio,
E o quiriri, sempre amado,
No seu balaio dormio.

SAUDADES

Era mais bello o seu riso
Que o descerrar de uma flôr,
Tinha nos olhos o lume
D'alva estrella do pastor ;
Vem, meu rafeiro, comigo,
Que sua campa encontrei
Sem cruz no extremo jazigo...
Lágrimas tristes, correi!

Era menina tão linda,
Tão linda, que assim não vi,
Se dormem anjos na terra
Um anjo descansa alli.
Fincarei a cruz na valla
De páo, que eu mesmo apromptei,
Vamos, rafeiro, choral-a,
Lágrimas tristes, correi!

Dos seus brinquedos da infancia
Saudosos vejo os rosaes,
Nem a rôla fende os ares,
Nem canta o colleiro mais,
Morava nella a alegria
Destes campos, bem o sei,
Morreste, pobre Maria,
Lagrimas tristes, correi !

Minha filha, quem da fronte
Ha de enxugar-me o suor ?
Quem beijando á noite rindo
Hei de ouvir fallar de amor ?
Sou tão velho ; na saudade
Mais a existencia cansei,
Vem, rafeiro, em soledade,
Lagrimas tristes, correi !

Meu bordão sustenta o passo
Que moroso e fraco está,
Não é longe o cemiterio,
Junto á varzea o vejo lá.
Vem, rafeiro, unico amigo
Que na velhice encontrei,
Levo a cruz p'ra o seu jazigo,
Lagrimas tristes, correi !

Vós, andorinhas do monte
Que voais pela amplidão,
Não tendes della a alegria
Nem tu, colleiro, a canção. . . .
Era a ventura da roça,
Cedo de mais a chorei ;
Vem, rafeiro, e Deos nos ouça,
Lagrimas tristes, correi !

RECADO

— Moça bonita, saudade
Trago da villa de lá,
Perguntam se de amizade
Os laços rompeste cá.

Vi chorar amargos prantos,
Que chorei sem murmurar,
Recados trouxe de tantos
Que não me posso lembrar.

Abraços das raparigas,
Lembranças dos mocetões ;
Té me deram nas cantigas
As vozes dos corações !

Aceita tudo, ai ! aceita,
Trago da villa de lá,
A lembrança não regeita
Quem feliz vive por cá.

Mas o regalo mais doce,
Que p'ra ti trago de amor,
Recommendaram que fosse
Por mim dado, e com fervor.

Foi um beijo terno e brando
Como os suspiros de cá.....
Que tens, moça? estás corando?...
Não é meu; recebe-o lá. —

AIAS DO SERRANO

Todos lembram nas trovas sentidas
Longe o lar da familia deixado !
Uma a uma das queixas doridas
A saudade é que d'alma arrancou !
O tropeiro, no pouso acampado,
Canta e dança entre amigos festivo;
O serrano... esse não, perde o riso
Se nas serras o olhar não pousou.

Boiadeiro ditoso as noitadas
No estrangeiro contente prolonga;
O roceiro feliz da araponga
Sem ouvir o cantar dormeceu ;
O vaqueiro, das vargens fugindo,
O sertão corta alegre e cantando ;
O serrano... esse não, recordando,
Chora a serra, se a vista a perdeu.

A viola do filho das vargens
Tem suspiros, canções, tem amores,
Quer nas serras, no prado, entre flôres,
Na campina, no val, no sertão ;
Elle pousa nos ranchos da estrada,
Elle dança em funcções do estrangeiro ;
O serrano... esse não, forasteiro,
Volve á serra um olhar sempre em vão.

Como as folhas que os ventos arrancam
Adormidas nas aguas perduram,
Como as aves que os ninhos procuram
Só a noite ou do sol ao calor,
Dos vargedos o filho, entre affagos,
Não se lembra do colmo deixado ;
O serrano... esse não, namorado,
Só tem risos das serras p'ra a flôr.

Não vicejam as flôres nos campos,
São tristonhas as nuvens da aurora,
Entre as gramas o arroio não chora,
Nem da moça é saudosa a canção,
P'ra o serrano que a serra abandona,
Que nos valles perdido vagueia,
Entre amigos se pousa, pranteia,
Não tem alma na estranha funcção.

Quem brincou sobre o topo das serras,
Quem um vasto horizonte avistava,
Quem da aurora ao sorriso acordava,
A' garruxa encostado, de pé,
Se a planície recalca, lamenta,
Se em vargedos se perde, deplora,
Da saudade no pranto que chora,
Diz: « aqui minha terra não é! »

SANTO ANTONIO

Queres casar-te, Joanna ?
E tu, Rita, tambem queres ?
Vejam lá que são mulheres,
Té p'ra amor tem devoção :
O Santo Antonio enfeitado
No altar se está agora,
Diz que Rita aspira e chora,
Joanna deseja em vão.

Não vale a zanga, não quero
Zangar-me em noite de festa,
Da roça—*mestre da orchestra*,
Hei de na flauta tocar ;
E volteiando a fogueira
Que no terreiro crepita,
Por toda a moça bonita
Hei de ao patrono rogar.

Os cordeis brancos do frade
Imitando-as beijarei,
Si não me casar — compadre
De qualquer noivo serei,
Que o santinho é caridoso,
Diz a Rita toda ancha,
Que o destino elle desmancha
Joanna sabe e eu o sei.

Venham as fitas e as flôres,
Do alecrim o ramo bento,
Que esta casa p'ra convento
Ao certo não ficará.
Abençoada a choupana
Santo Antonio a traga olhada,
E uma a uma casada
Longe os filhos criar vá.

E o verde alecrim das aguas bentas
O roceiro tirou quasi sorrindo,
E da casa os cantinhos pressuroso
Foi aspergir a benção repetindo.

Já benzi nossa choupana,
O santo enfeitado está,
Nas horas da meia-noite
Então a sorte virá;

Por emquanto na viola
Vou ferir uma canção,
Vibra tu a castanhola
P'ra abrilhantar a funcção

Santo Antonio — bom santinho,
Dos matrimonios patrono,
Quero dono
P'ra este firme coração!
Amo muito o Antonico
Quero dar-lhe minha mão!

Santo Antonio — bom santinho
Já beijei vosso cordel
Meu annel
Nas santas aguas molhei,
Na lista dos afilhados,
Meu nome, peço, inscrevei!

E a castanhola soava
E a viola soluçava,
Fervia o samba em redor;
Da fogueira no terreiro,
Já gasta a lenha, o brazeiro
Das cannas mudava a cõr.

— Alto a dança; é meia-noite,
Santo Antonio não quer mais,
Joanna, beija esta sorte,
Rasga tu o nó, rapaz,
Mas cuidado com meu lenço
Que as sortes guarda no fundo,
Haja silencio profundo
E tu a sorte lerás.

Santo Antonio casa as moças
Que são constantes fleis,
Mas quer que passem tres dias
A beijar os seus cordeis!

Ouviste, Zanna, tres dias,
Alegre o moço gritou,
Eu accito, e tu, não queres?
Santo Antonio sorteiou!

— Tambem accito e agradeço,
Deu-me o santo a tua mão —
Aprazo os amigos todos
De hoje a um mez p'ra uma funcção.

Bravo, Joanna, obrigado,
Sou mais feliz dos mortaes,
Rola o samba, ferve a roda,
Canta mais alto, rapaz!

Solta os foguetes, amigo,
Quero ouvir risos no ar,
Té aos céos, minha ventura,
Quero tambem festejar!

Santo Antonio, meu santinho,
Dos matrimonios patrono,
Dêste dono

De Joanna ao coração,
Hei de feliz, por vós juro,
Fazel-a, dando-lhe a mão.

Rolava o samba e no emtanto
Mais a ventura crescia,
Todos riam, si um sorria,
Cantavam n'um só cantar;
E na quebrada do monte
Do pastor a nivea estrella,
Da alvorada á face bella
Esmorecia o brilhar!

○ boiadeiro

Alegrias tenho n'alma,
Consolo no coração ;
Vejo a aurora nos teus olhos
Quando chego no sertão.
De pequeno fui fadado
Para andar legoas aos centos !
Oh ! birrentos,
Toca a ponta, mandrião !

Me criei entre os amigos,
Entre amigos sei folgar,
Minha avó, que Deos lá haja,
Me ensinou logo a resar ;
Santo altar, busca minh'alma
No teu seio bem fadado !...
Eh ! pintado,
Toca a frente ! toca andar !

E' em teu seio que vejo
O meu Deos no teu amor,
E quanto mais me atormentas
Mais te quero com ardor ;

Não sei buscar alegrias
Longe de ti, minha amada...
Oh ! pintada,
Não fujas pr'a o logrador !..

Quando Deos me pôz no mundo
Foi p'ra te amar com paixão,
Ver por teus olhos a vida,
Sentir no teu coração ;
Tenho seguido o destino
Passo a passo com certeza...
Oh ! Belleza,
Guia certo o boiadão !

Não me cansa esta existencia
Atormentada que vai ;
Cada qual tem uma sina,
A vida não vale um ai ;
Mas sou feliz, nem mais peço
A Deos louvado os favores....
Oh ! tres côres,
Sahe da frente, esperto, sahe !

Quem tem mulher que bem queira,
Quem tem luz n'um santo olhar
E' ditoso, e, como eu ando,
Nos sertões passa a cantar ;
O boiadão é a alegria
Que quando te deixo busco...
Eh ! oh ! fusco,
Queres-me o sangue ralar ?

Santo Deos, eu vou caminho
Da f'licidade na vida ;
Tenho a paz dentro em minh'alma,
Tenho uma mulher querida ;
Quando acordo é sempre rindo,
Nunca me deitei tristonho ;
O meu sonho
E' não mudar esta lida !

Sou feliz ! trocar meu rumo
Por outro, fôra peccar :
Cada qual nasce p'ra um norte ;
O meu destino é te amar !
Ouve a cantiga ! oh ! morena !
Que canta o meu coração.
E tem pena
De quem toca o boiidão.

EM CAMINHO

Eh ! lou ! burrada maldita,
Estropeada e manhosa,
Leva a marcha vagarosa.....
Eh ! lou ! burrada é andar !
Desce o sol, e a noite desce
Nem cinco legoas ganhamos !
Eh ! lou ! se não galopamos,
Amigo, vais mal passar.

Eu, vaqueano dos campos,
Pela manhã t'ô dizia
Que de um valle á outro o dia
P'ra ganhar não basta, não ;
Demoraste o passo, e agora
Vês a noite sem o pouso,
O teu burro pezaroso
Já calcando vai o chão.

Vamos, amigo, eh ! burrada !
Eh ! lou ! malditos baguaes,
Leve a canseira o diabo !
Ferra as chilenas, rapaz.
O cantar do pouso escuto
Nos echos longe soando,
Mais um pouco caminhando
Seremos nos devesaes.

Trouxeste tambem a mula
Mais madrassa por madrinha,
Nem sacode a campainha
A preguiçosa no andar !
Chicoteia o macho branco
Que se perde da burrada ;
Enxota o russo p'ra a estrada,
Tange o alasão, quer passar.

Comprar burradas de longe
Nunca foi minha paixão,
Da querencia vem saudosas,
Estranham sempre o sertão ;
Eu, por mim, se compro a ponta
Da minha terra a procuro ;
Eh ! maldito burro escuro,
Queres fugir-me, ladrão ?

Eh ! a galope ! o chicote
Mencia, amigo, no ar,
Basta o estalo, que assusta,
Vale mais que chicotar.
Doce cantiga do pouso
Os meus ouvidos ferio ;
Não vês a luz d'outra banda
Já meu olhar descobrio ?

A ERMIDA

(A' F.....)

Mais que a neve em que s'envolve
Pelas noites ibernaes,
Que a lympha mais clara e bella,
Mesmo que a espuma, inda mais,
No meio do descampado
Ergue-se a igreja da aldeia,
Onde a luz que bruxoleia
De phanal serve ao cansado
Viajor dos areiaes.

O sino acorda em soluços
A resa do amanhecer,
Lembram ás tardes os dobres
A prece do anoitecer;
O caminheiro constricto
Quando cansado á jornada
Acha nos adros pousada,
E, murmurando o bemdito,
Sabe a Deos agradecer.

Cresce a rosa e alastra o adro
De flôres verde tapiz,
A trepadeira virente
A' sua sombra é feliz ;

Ella é só, mas ninguem passa
Sem saudal-a, e caminhando
Baixo a oração vai resando,
Consolo grato á desgraça,
Que o valor d'alma prediz !

Mais abaixo é o cemiterio;
De páo s'eleva uma cruz
Onde floresce a saudade,
Que o amargo pranto traduz ;
Tudo é silencio, e na calma
Do afastado cemiterio
De dôr ha sempre um mysterio,
Uma lembrança p'ra a alma,
Que n'um ai fundo reluz !

E alli, clara e singela
Como um lirio, mostra ao céu
A torre d'onde em gemidos
O sino a voz desprendêo,
Toda de branco enfeitada,
Qual uma noiva galante,
Do viajor vacillante
Nos adros guarda a pousada
Envolta em florido véo.

E' a mansão da ventura,
Da crença, da fé, do amor,
Onde altar tem a innocencia,
Sempre a virtude uma flôr,
Onde o crime pára e morre,
Onde a bondade s'eleva,
D'onde o mal foge, e na treva
Do remorso ardente corre,
A' bradar pelo Senhor !

Feliz se um dia prostrado
Na jornada eu fosse alli
Deixar os rotos andrajos
Com que meu corpo encobri.
Na paz da prece sagrada
Meu labio s'emmudecêra,
E talvez então morrerá,
Abençoando a pousada,
A Deos orando por ti.

RUSTICA

Si te amar sabia
Quando agreste flôr,
Minha voz resfria,
Já não diz amor !

Felo humilde soco
Si a botina vem,
Desse tempo louco
Não te lembras, bem ?

Tua saia bella
Onde foi, amor ?
Si rasgaste aquella
Desmaiaste á dôr !

Desmaiada agora,
Mais real assim,
O teu seio chora
Sem chorar por mim !

Do teu pranto tremes...
Que fizeste, flôr ?
Me escutando, gemes...
Que te fiz, amor ? !

Que te fiz agora
Mais real assim ?
Teu semblante cora
Sem corar por mim !

Que receio tardo
De infantil pudor !
Si por ti não ardo,
Que receias, flôr ?

Não te assustes, córa,
Que a fingida còr
Já não lembra agora
A sylvestre flôr.

Da campina inculta
Bemfadada flôr
Que o tufão sepulta
Não revive amor !

A TRIGUEIRINHA DO VALLE

(A' MELLO MORAES FILHO)

Curto o vestido de chita,
No pescoço o lenço branco,
Calçando o leve tamanco
Passa a trigueira do val ;
Mais delgada que a palmeira,
Dobra o corpo delicado,
A saltar no descampado,
A fugir do cafezal.

Sertanejos na viola
Lh' entoam canções de amores ;
Dorme no leito das flôres
A' sombra dos palmeiras ;
Nunca chorou, lisa a face
Purpureia a flôr dos annos,
Nem sentio dos desenganos
O soluçado dos ais !

Ella vai, correndo sempre,
Mais veloz que a branda aragem,
Tem Deos por guia á romagem,
Por scismas—sonhos de amor !

E quando o canto se perde
Pelos montes e vallados,
Vão a Deos os sons levados
Entre os perfumes da flôr !

Da trigueirinha do valle
Prende as tranças branca fita ;
O seio sonha e palpita,
Da boca seduz a voz ,
E quando o fado nas noites
Do verão cobre o terreiro,
Alegre rufa o pandeiro,
Rasga a tyranna veloz !

Oh ! então, os sertanejos,
Endoudecidos de amores,
Formam roda, jogam flôres
Na trigueirinha do val,
Que—borboleta ligeira,
Sapateia o fado ardente,
Mais que a rainha potente
No reinado festival.

« Sou trigueira ! quinze annos
Tenho ufanos,
Libertos de magoa e dôr !
Não amei ; mas tenho amores
Como as flôres
Teem o perfume e a côr.

Dos meus olhos os lampejos,
Sertanejos,
Quantos sonhos não vos dão ?
Minha voz— doce harmonia
Inebria
Nas toadas da canção !

Nos sertões ninguém deplora
Mais agora
Que a trigueirinha chegou :
Façam roda, ferva o fado,
Que agitado
Meu pandeiro despertou!

E a trigueirinha rodando
Vai no fado graciosa,
Requebrando caprichosa
Dos negros olhos a luz,
Mais que do céu nivea nuvem,
Mais que a flôr vergada á aragem,
Mais gentil, a sua imagem
O sertanejo seduz.

ARRUFO

Tome tenencia, seu home',
Que não sou de mangação,
Querer-me beijar na estrada !
Que forte descarração !

Sou como as flôres medrosa,
Sou mais que as flôres louçan,
Das villas desprezo os modos !
Desdenho sua imposan !

Sou sertaneja, nas roças
Em toda a vida não vi
Um homem desaforado,
Nem mesmo ás noites, aqui !

Si me quer ter como sua
Vá fallar ao Nicoláo,
E' meu pai, e por cautela
P'ra os trastes tem elle um páo !

Temos aqui uma ermida,
Um padre e mais sachristão,
Pelo pé não nos arrancam
Quem nos quer dá-nos a mão !

Desillusão

Eu tive uns certos amores
Lá p'r'as bandas de Belém:
Daquelles geraes a dona
A mais linda era o meu bem;
No choradinho uma feita
Toda na puba a encontrei;
— Dá-me um beijo, então lhe disse,
E bem terno lhe falei.

Voltou-se a dona arrufada
Como si praga escutasse,
Gente por cobra picada
Não mostrava tal feição.
— Que tens? lhe disse — é de um beijo
O rogo que agora faço,
Já te não dei um abraço,
Porque te zangas então?

Vai a dona, — se quebrando,
Toda em ternuras me olhou,
E disse logo: — lá fóra
O que me pedes te dou. —
Gentes, com que azafama
Dansei naquelle chorado,
Imaginai, que contado
Nunca um derriço prestou.

Puxei fleiras sem conta,
Sem conta palmas bati,
Nunca a noite foi tão grande,
Samba tão longo não vi ;
Eu, que queria as dez horas,
Nem via a estrella apontar,
Que os caminheiros procuram
Depois das nove soar.

Dansei muito ; na viola
Minha mão tremia tanto,
Que eu doente me julgava,
Ou preso de algum quebranto.
Mas, emfim, a estrella ao longe
Assomou ; — logo gritei :
Quem se vai, oh ! minha gente,
Sou eu ; e a porta busquei.

E direito fui ao macho
Que no terreiro preendi,
Quando eu as redeas tomava
Ante mim a dona vi.
Vens dar-me o beijo, lhe disse ;
Sim, t'o dou com condição ;
Qual é ? Eu quero uma saia
Para o dia da função.

Foi agua posta em fervura,
Foi vento sul que soprou,
Ai, patricios, dentro d'alma
Nem um encanto ficou !
Amar mulher que berganha
Seus beijos não é ventura ;
Quem dos céos tem alma pura
Nunca o interesse sonhou.

Montei lesto, e nem resposta
Dei á dona que esqueci;
Hoje mais beijos não peço
Um curou-me, que pedi:
Desta molestia malvada
Que tanto alastra o sertão,
Mínhas gentes, não me temo,
Trago em guarda o coração!

O CARGUEIRO

— Leva arriba, rapaz, o teu cargueiro
Vai apromptar e já; toca a partir;
E' quasi dia; o sol nascer não tarda,
E estás, meu mandrião, inda a dormir?!

Bota as cangalhas no macho,
Que a estrella d'alva apontou,
Carrega a broaca cheia
De limão que o Zé mandou.

N'outro cargueiro a laranja
Que em monte na varge'está,
Pencas de banana em cima
Podem ir desse jacá.

Ensilha o burro malhado,
A dextra deve marchar,
Deixa-o na venda da banca
P'ra o Manduca regressar.

Tu montarás o rosilho
Para a carga conduzir;
Da cesta os ovos não quebres;
Estando prompto é partir.

Vai pela serra, que a estrada
O ribeirão alagou,
Muita cheia neste inverno
Todos os trilhos molhou.

E a estrella d'alva que nascia bella
Desmaiava no céu fulgente o brilho,
E, já prompto o cargueiro, o dextro moço
Puxava cavalgado no rosilho.

— Adeos, sertão, adeos, flôres,
Vou partir que surge a aurora.

Muito embora
A ausencia longa não vá,
Sinto n'alma já saudades,
Penso na volta p'ra cá.

Quem nasceu nestes logares,
Quem aspirou estas flôres

Dos amôres,
Não parte contente, não,
Que perde toda a ventura
Deixando atrás o sertão.

Mas se o meu cargueiro levo,
Eu com elle heide voltar,
Que a cidade não me agrada,
Só a roça sei amar! —

E o tropeiro busca a serra
Sempre saudoso a cantar;
A estrella d'alva se some,
O sol aquece a brilhar.

O GARIMPEIRO

Garimpeiro ambicioso,
Não canses por ouro em vão,
Vale mais um beijo á furto
Que o afadigado milhão.
Garimpeiro afortunado,
Antes busca um coração.

Veio d'ouro no garimpo
Achado que vale emfim,
Quando em grammas rorejadas
Dorme amor somno sem fim.
Garimpeiro, entre a fortuna
Não podes pensar em mim.

Garimpeiro, mata o ouro
No teu seio a luz do amor,
Seccos labios sem ter beijos,
Sem orvalho agreste flôr.
Os teus sonhos, garimpeiro,
São fugaces, sem languor.

Buscando embalde a fortuna,
Depois de morta a illusão,
Morrerás, ó garimpeiro,
A' mingoa de uma afeição.
Garimpeiro, a f'licidade
Só dorme no coração.

Garimpeiro afortunado,
Se te vais — adeos, adeos,
Olhos cegos de fortuna
Não quero avivar aos meus.
Garimpeiro, nos meus lábios
Não morrem mais beijos teus.

Sou modesta — sou singela
Como a flôr ao madrugal,
Quero a gota leve e pura
Do bemfadado aljofar.

A gota d'outro é pesada,
Meu brilho pôde matar.

Guarda teus ricos thesouros,
Que não servem para mim;
Garimpeiro afortunado,
Tenho adornos no jardim,
Na terra que o fundo buscas
Terás um vazio enfim.

O DR.

O doutor da aldeia é velho,
Mas é um velho ratão;
Tem um burro côr de chumbo,
Mais um jumento alasão!
A botica tem na horta
E' della a cerca o balcão!

Quando nivea mão mimosa
Descansa na cancellinhã
Sua voz fanhosa ulula:
— Póde entrar, cara vizinha,
Uma posthema, isso é nada,
Espere que vai curada!

Arregaçado o vestido,
Na perna estende o emplastrão
De dormideiras, e em falta
Prepara o mangericão:
E a vizinha mais pesada
Vai-se, curada não!

Sociedade amigavel
Entre o padre e o bom doutor,
Do jogo á noite começa
Antes do sol bem se pôr.
E a vizinha diz: coitado,
E' quando está socegado.

O que faz o nosso medico
Eu não quero ajuizar,
Mas dizem que o obituario
Da villa vê-se augmentar.

O padre lucra nas missas
E o doutor nas hortaliças.

Por engano um sertanejo
Um burro á casa o levou,
E dizem que o bom do velho
Té mesmo o burro curou.

Não é caso de espantar,
O doutor era alveitar.

Se um dia o doutor doente
Não correr as freguezias,
Affirmam que póde o burro
Supprir a falta por dias,

E o dono, que o afiança,
Diz nelle ter esperança.

FÉITIGOS DO BAIÃO

Foi porfiada a arrelia
Que trouxe do teu baião,
Quiz beijar, não consentiste,
Teu rendado cabeção.
Se não fallavam teus olhos
Com meus olhares, maldosa,
Porque da boca formosa
Tu me atiraste a canção?

Sambista de fama, ralho
Na viola sem cansar,
Nunca enfraquece a cantiga
Descantada no aboiar ;
Cabra brabo, não me perco
Se me escancho n'algum rasto ;
Mas por ti a vida gasto,
Preso ao desdem, sem piar !

Tomam chá comigo todos,
Já por caipora sou tido,
Dizem que magró, d'espectro,
Tenho meu rosto comprido ;
Mal sabem todos que a magua -
E' de amor que broca o seio,
Do teu baião foi no meio
Que fiquei assim perdido !

Do codorio já me esqueço,
Anda a *branca* mal comigo,
Que toda vontade d'alma
Levaste-a, cruel, contigo;
A' mim resta o desalento
No descantar gemedor,
Nem um terço á Deos resado
Deu-me a fé do teu amor.

Louvado seja o Santissimo,
Digo já sem alma até,
Devéras ferrou-me o demo
Deste amor, que triste é;
N'uma grotta encafuado,
Sem luz, sem ar vivo eu,
Teu olhar se traz-me a aurora,
Teu desdem me-fecha o céo.

Amigos, ao samba triste
Não irei p'ra mais penar,
A pedra bateu-me certa
Fez ferida de matar;
Hoje eu olho, mas não vejo,
Se me fallam, não entendo,
Minh'alma chora e soffrendo
Muito em breve hade ciscar.

Foi quebranto aquelle olhado!
Já sou troços do que era,
Nem a *branca* me dá vida,
Nem esp'rança a primavera:
Neste fechado desgosto
Eu me lembro do baião,
Dos teus olhos, dos teus seios
Tremendo no cabeção!

No campo

(S. PAULO)

« — Pinchai o laço, nhô Juca,
Com mais certeza no ar,
Este cavallo é matreiro,
Não é bom de se laçar.

Idé caminho de esguelha,
Encostai à matta, assim ;
Eu cerco a vargem do lado,
Tende o olho fito em mim.

Do ribeirão n'outra banda
Eu faço o cerco de vez,
Eu em gritando nos ares,
Pinchai o laço e vereis. — »

E a galope o paulista na vargem
Solta as redeas ao bicho veloz,
Passa as máttas n'um vôo ligeiro,
D'outra banda desprende-se a voz.

« Oh ! nhô Juca, ide mansinho ;
O cavallo quer correr,
Já torceu a orelha esquerda,
Maroteira vai fazer.

Mais arredado do bicho ! . .
Mais ao campo, andando assim !
Tende tenencia no bruto
Mas não descuideis de mim. »

E o solto cavallo dos campos erriça
As relvas macias aos bates da mão,
De lado virando, relincha e se afasta,
E a vista abrasada não perde o pião.

« Agora ! agora, nhô Juca !
Pinchai o laço no ar
De um corcovo ; á galopada
Não sente o pião passar. »

E o laço fugio nos ares,
E o corcel solto laçou,
Distante da varge' exausto
Preso o cavallo estacou.

« — Eh ! nhô Juca ! abençoada
Tende nos laços a mão ;
Andaricéis estes campos
Se não valesse a benção. »

E nhô Juca, contente, de volta
Traz laçado o cavallo do val :
Sua dona na porta apparece,
Aos relinchos do arisco animal.

A CORRENTE

(S. PAULO)

E' bella no alto a igreja
Da virgem da Aparecida,
Santa vigia da calma
Na serrania florida ;
De longas jornadas sempre
Vindo os romeiros fleis,
Na cera os milagres trazem
Lembrados que a virgem fez.

E as lendas naquelles sitios
Da milagrosa Senhora
Repetem-se em cada hora
Dos turgios no serão ;
De uma corrente de ferro,
Que do altar-mór pende ao solo,
Da infelicidade o consolo
E' transumpto a narração.

A' um pobre escravo rebelde,
Que p'r'as florestas fugia,
Zangado o senhor um dia
Aquelles ferros prendêo,

E o infeliz na ignominia
Não revoltou-se, e, constricto,
Genuflexo as mãos afflicto,
Levantou á Mãe do Céu.

Estava na igreja o povo
Quando o preto alli resava,
E a virgem da Aparecida,
Suas preces escutava,
Quando do pescoço o ferro
Desprendeu-se e foi ao chão,
E o senhor, vendo o milagre,
Deu-lhe alforria e perdão!

Do altar-mór hoje ao solo,
Desce a corrente fallada
Pelos tropeiros na estrada,
Com respeito e contrição;
E nesta lenda que escrevo
Da sacro-santa Senhora,
Vai em linguagem sonora
Minha sincera oblação!

O TATÚ

(RIO-GRANDE DO SUL)

O canto alegre não ouves ?

O prazer não sentes tu ?

Alli demora a alegria,

Alli suspira o tatú !

Ao desafio rompendo

Segue á cantiga o dansar,

E ninguem fica sentado,

Que o tatú só quer folgar !

No sapateio, nas voltas

Pares mil rodando vão ;

De permeio os violeiros

Tocam, sollando a canção.

Quem não verseja não dança

O tatú no pouso amigo,

E' costume, e bem antigo,

Conhecido no sertão.

Como feliz o tropeiro

Vai a trigueira buscar

Eu contarei, mas agora

Escuta o doce cantar.

« O tatú é homem pobre,
Nada tem mesmo de seu,
A não ser a velha blusa
Que o pai rasgada lhe deu. »

Puxando a fleira, descanta o tropeiro
Em frente á serrana, parando por fim ;
A' simples cantiga se ergue a morena
E, terna, dançando, responde-lhe assim :

« Gosto do tatú que corre
Junto ao serro de Bagé,
Com lacinho preso aos tentos
Atrás do boi jaguané !

« Se do tatú não desgostas,
O tatú olhas em mi,
Que atrás de um boi quasi á fundo
Fui do rio Pirahy ! »

E seguem os versos, mais verso á porfia,
Requebros, meiguices nas vozes, e então
Dos pares felizes confundem-se as vozes,
Em uma toada se eleva a canção.

E cantam ! cantam ! que vozes !
Que singeleza ! que amor !
Nos olhares, que ternura !
Nos labios, quanto dulçor !

Entre as caricias do pouso
Quem feliz já não dansou ? !
Do tatú ao desafio
Quem trovas não descantou ?

Além, cantiga serena
Ao desafio se esvai,
Como a limpha em chão de relva,
Como o queixume de um ai.

« — Trigueira, meus olhos doces,
O tatú é pobretão,
Não tem carretas na estrada,
Nem tropas tem no sertão.

Debalde o tatú humilde
Se apresenta ao meu olhar,
Heide amal-o na pobreza
Como rico o soube amar. »

E os pares rodam ; nas voltas
Soam cantigas tambem.
Tê que á merenda da festa
Franca voz chamal-os vem.

E a dansa termina ; na sala de dentro
Em volta da mesa sentados então,
S'eleva um tropeiro p'ra o brinde das graças
Em nome dos outros fazer na funcção :

« Ao senhor dono da estancia
Um brinde vou dirigir,
Capitão bravo em pelejas,
Amigo de bem servir ;
Guapo á cavallo nos campos,
Tambem de á pé é valente,
Do tatú a alegre gente
Por meus labios faz-se ouvir !

A' saude do patricio
De uma vereda bebamos,
E a Deos os votos façamos
Pela existencia na paz.
Quem fôr amigo no brinde
Solte a voz clara e sonora,
Vou soltar meu viva agora
Ao seu Juca Capataz ! »

E foge o viva fagueiro
Do brinde ferindo os ares.
Como aqui, todos os lares
São alegres no sertão.
Viajante, se lastimas
Do tatú findada a festa,
Não lamentos, que te resta
A lembrança ao coração.

INVERNADA

Talou o inverno os teus campos!
Coitado do boiador!
Onde irás levar teu gado
Se é murcho o teu logrador?
Do desgraçado á vivenda
Quando vem fria a invernada
A desventura é chegada,
Té do seio rouba a flôr.

Neste inverno, peregrino,
Errará teu boiador?
Dormirá no pó da estrada
Soltal-o-has n'um capão?
Boiador, boiador pobre,
Te bateu o inverno á choça,
Murcho o pasto e secca a roça
Tu vês olhando a amplidão.

Paulino encontrei ha pouco
Em sua vacca pensando;
Triste Paulo vi andando
No frio inverno a pensar;
Aqui, boiador, te encontro
A lastimar a invernada,
Olhando á fria geada
Soltas folhas do pomar.

Quanta tristeza na roça
Não trazem as invernadas!
Adejam pelas chapadas
As aves, sem ter canções;
O gado mugindo pasta
A rara e minguada relva,
Do vento, esgassando a selva,
Os bafos lembram trovões.

Boiador, que te agonias,
Cala o queixume dorido,
Se teu gado anda perdido
Vai juntal-o, boiador.
Do pobre junto á vivenda
Quando regela a invernada
E' a relva abençoada
Do *fingido* logrador.

Poucos bois tanges da ponta,
Pobre filho do sertão,
Tua boiada não cansa
O manejar do agulhão;
Qualquer pasto a nutre forte
Contra os rigores do inverno,
Que o soffrer não é eterno
Diz-te a esp'rança na oração!

Talou o inverno os teus campos!
Coitado do boiador!
Onde irás levar teu gado
Se é murcho o teu logrador?
Do desgraçado á vivenda
Quando vem fria a invernada
A desventura é chegada,
Té do seio rouba a flôr.

NENIA

Seus bois dormiam nestes vastos campos,
Nesta cacimba aqui se refrescavam
Indolentes, gentis; as verdes relvas
A' tarde além pastavam.

No logrador vizinho da vivenda
Os vi encurralados muitas vezes;
Alvas, mais alvas não passaram nunca
Aqui tão lindas rezes.

Maria era gentil, e tão formosa
Nunca nas roças um semblante igual
Beijava a madrugada, que a encontrava
Na porta do curral.

Hoje, quem lembra que Maria outr'ora
Por aqui a boiada conduzia?
A choça é triste e o boiadeiro amante
E' morto de Maria!

Das saudades o pranto consumio-lhe
Talvez a vida no abandono frio,
E os echos sua historia não guardaram,
E nem a lembra o rio!

Lindas as flôres do invejado leito
Crescem na vargem que s'estende bella,
Deslembradas do amor, dos seus cuidados,
E dos sonhares della!

A choça, e uma cruz no descampado,
Na catinga a boiada que erradia...
Eis o que resta, o que nos diz — formoso,
Aqui viveu Maria!

O CAPATAZ

(À LUIZ LEITÃO)

Das carretas da estancia mais rica
Capataz sou valente e afloito,
Das restingas se á sombra me acoito,
Livre o pingo retouça o hervaçal ;
Tenho a xerga e a carona por leito,
No lombilho descanso a cabeça,
Não ha susto que o braço estremeça
Se do cinto eu arranco o punhal.

Vôa o palla dos hombros formosos,
Cheripá minhas pernas enfeita,
E o sombrero de escura baeta
Minha fronte resguarda do sol.
Pincho o laço com gana e certeza,
O cochillo meneio arrogante ;
Na viola baralho o descante,
Quer á noite ou á luz do arrebol.

De cabeça sou forte p'r'as guampas,
Cauto o jogo chuleio na venda,
Sou alegre, feroz, na contenda,
Como o touro, revolve o rival ;
Nas carretas as guascas arrumo,
Quando a noite me chama ao descanso,
Solto o gado cansado, que manso
Vai, moroso, espojar-se no val.

Minha mão; na viola macia,
Mais que o ajojo, é nas lutas cruenta,
Timoeiro que a canga sustenta
O inimigo suspende veloz ;
Ao moirão apertado, o matungo
Não corcova, não salta, não pula,
Só a raiva nos rinchos ulula,
Como o odio do imigo na voz.

Retougadas de couro do laço
Minhas bolas o potro boleiam ;
Cachetilhas de mim se arreceiam
Se as morenas namoro á dansar ;
Pelas lombas, bibocas, potreiros,
Tenho feitos que lembram meus dias,
Dos arroios nas aguas mais frias
Passo á nado se a vão não passar .

Jaguarão, minha terra adorada,
Nas saudades do seio, nos prantos
De minh'alma és a flôr dos encantos,
A doçura do meu coração ;
Molestado comtudo não ando,
Que o gaucho acha sempre alegria
Da viola, onde sóa a harmonia,
Onde atira a morena a canção.

Não receio baguaes e nem chucros,
Rodomanos cavalgo dormindo,
Quando o touro pealo fugindo
Ou manadas arrumo ao curral ;
O meu laço é certoiro no bote,
E' faisca o meu pingo montado,
A' tropilha jámais dei um brado
Que veloz não corresse ao signal.

Mas no emtanto meus labios babujam
Como o rocio as savannas ardentes
Meigas trovas de amor innocentes,
Tem meus olhos doçura no olhar .
O pampeiro que arrasa a campanha
Deixa vida no frio passando
O gaúcho que raiva lutando,
Ama em paz da viola o cantar .

Capataz das estancias mais ricas,
Sou affeito nas rugas briosas ;
Jaguarão, minhas trovas saudosas,
Te abençoam calando nos céos ;
Sou alegre e feroz na contenda,
Amoroso o tatú sapateio,
E o descante baralho no enleio,
E esses pampas immensos são meos .

NOTAS

Ajojo — canga que se põe nos chifres dos bois. Canção do aboiar — cantar á frente do gado. Aguachado — gordo. Anajá — arvore d'onde o quiriri tira fibras para fazer o seu ninho.

Baião — musica, canto e dança. Biboca — barranca, gruta. Boi jaguané — boi pintado de branco, preto e vermelho.

Catinga — matto espesso. Cachêfilha — janota da cidade. Cheripá — manta que prendem na cintura. Chulear o jogo — fazer negações jogando. Capatáz — chefe dos peões ou da estancia. Carona — um couro que fica embaixo do lombilho. Ciscar — estorcer-se no chão em agonias.

Logrador — logar para onde se conduz o gado em annos pouco invernosos por falta d'agua ou forragem. Lomba — ladeira, encosta. Pouperia ou pulperia — taberna.

Querencia — logar onde nasceu o animal. Quiriri — passaro nuncio, quasi sempre de boas novas, é de cor parda.

Restinga — matto á beira do arroio. Rodomano — animal ainda esperto.

O tatú — festa, dança, usada no sul. Timoeiro — páo que prende as cangas.

iar
ore

Boi

ipá
ças
um
ão

in-
ta.

un-

nda

as

A BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

publicará mensalmente um volume nunca menor de 80 paginas,
contendo poesias, romances, contos, etc., etc.

PUBLICADO :

AMOR QUE MATA

ROMANCE POR V. COARACY

MOSAICO

POESIA E PROSA POR DIVERSOS AUTORES

SERTANEJAS

POR JOAQUIM HELEODORO

NO PRELO :

TETEYAS

PELO DR. CAETANO FILGUEIRAS

Recebem-se assignaturas trimensaes a 25 ora a
côrte e 35 para as provincias, na praça da Constituição n. 78,
escriptorio da empreza. Numero avuls, 15

JFC
869
S23